



O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO POSSIBILIDADE DE ESCUTA: AÇÃO CLÍNICA EM INSTITUIÇÃO HOSPITALAR

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Fernanda Nardoni;

O projeto de extensão em Plantão Psicológico, realizado pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e prática em psicologia (LEFE) no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HUUSP), se iniciou em 2006 a partir de um pedido institucional de atenção psicológica no hospital. Com a intenção de perseguir os vestígios das queixas e incômodos trazidos por representantes do HUUSP, abre uma escuta a todos os atores institucionais que fazem parte da instituição. Utilizando a cartografia clínica como metodologia interventiva-investigativa e a fenomenologia existencial como via para compreensão da prática, o Plantão se mostrou pertinente a esse hospital. A grande circulação de pessoas e a impermanência dos atores institucionais naquele ambiente; a presença de uma Psicologia Hospitalar que já resguardava certas possibilidades de atendimento e cobria uma gama de necessidades institucionais; a tentativa de fazer frente a um modo extremamente técnico para lidar com os sujeitos que o discurso médico impõe nesse ambiente; todos esses aspectos apontaram para o Plantão como possibilidade de intervenção naquele espaço. Compreende-se a atuação do plantonista no contexto da solicitação imediata do sujeito, que pode ser acolhida sem a obrigação de um atendimento processual, o que possibilita que o espaço da escuta psicológica torne-se uma referência, embora móvel e provisória: o plantonista dirige-se à atualidade daquele que o interpela, percebendo e respondendo àquilo que se apresenta. É nesse sentido que se coloca de modo clínico, exercendo a ação de “inclin -se” em direção ao outro, em uma atitude de cuidado. Abdicando o máximo possível dos sentidos já sedimentados e da busca por um entendimento cognitivo da problemática do sujeito, a ação clínica do plantonista se faz como modo de debruçar-se ao outro na busca por compreendê-lo. É uma ação que busca compreensão justamente porque, de início, abdica de um modo pré-determinado de agir diante desse outro, deixando que dele emerja algo de singular. Querer saber sobre e a partir desse outro, abre a escuta mesmo diante de uma demanda não explícita, sem necessitar de um setting clínico tradicional para realizá-la. A escuta clínica é compreendida então como um modo de debruçar-se ao outro convocando-o a falar de si e por si. Para além dos efeitos da escuta clínica, pode-se também considerar que a mera presença do Plantão abre, para o sujeito que possa supor nele uma possibilidade de escuta, um circuito de endereçamento antes inexistente. Ainda que o encontro com o plantonista não se desenvolva muito, ele pode fundar uma possibilidade. Ao se deparar (muitas vezes pela primeira vez na vida) com alguém que pode realizar esse tipo de escuta, sem dar conselhos, sem visar encaminhamentos ou qualquer outra tarefa, abre-se para o sujeito uma possibilidade até então nunca antes pensada: de que pode buscar esse tipo de cuidado também em outros espaços e que não está fadado nem a carregar sozinho os fardos de sua vida, nem a se resignar com as possibilidades, às vezes tão restritas, que já lhe aparecem; de que há alguém no mundo que pode lhe escutar.